

(GT 2- Interseccionalidades)

**“Explorando as potências do meu corpo, eu fiz esse trabalho”¹
notas autoetnográficas sobre a agência de bixas negras.**

Vinicius Luis Pires Queiroz²

Resumo: A autoetnografia enquanto metodologia central de uma pesquisa usualmente incorre em duas questões. A primeira surge a partir do prefixo auto seguido da palavra “etnografia” que indica uma relação íntima entre autor e narrativa. Já a segunda, diz respeito a algo de ordem epistemológica, já que etnografia é uma maneira de construir conhecimentos fundamentada no encontro com o Outro e sua forma de entender a realidade social. Portanto, esse trabalho busca refletir sobre as potências da autoetnografia em pesquisas que abordam narrativas marginalizadas, sobretudo, quando essas narrativas são feitas por corporeidades demarcadas pela raça e divergência da hétero-cis-normatividade.

Palavras-chave: Autoetnografia; Homossociabilidades; Narrativas autobiográficas.

Abstract: Autoethnography, as a central methodology in research, typically raises certain two issues. The first stems from the prefix "auto" followed by "ethnography," indicating an intimate relationship between author and narrative. The second pertains to an epistemological matter, since ethnography is a way of constructing knowledge based on encounters with the Other and their way of understanding social reality. Therefore, this work aims to reflect on the potential of autoethnography in research that addresses marginalized narratives, particularly when these narratives are produced by bodies marked by race and divergent from hetero-cis-normativity.

Keywords: Autoethnography; Homosociabilities; Autobiographical Narratives.

¹O título deste trabalho assim como o título das sessões referenciam trechos da música “CORPO SEM JUÍZO” da performer *Jup do Bairro*.

CORPO SEM JUÍZO. Direção de Badsista. Produção de Badsista. Intérpretes: Jup do Bairro; Conceição Evaristo; Matheusa Passareli. Roteiro: Jup do Bairro. Música: Corpo Sem Juízo. São Paulo: Estúdio Cybermano, 2019. (7 min.), vídeo clipe, son., color. Legendado. Em memória de Matheusa Passareli. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6il3RIZSIgM>. Acesso em: 10 ago. 2024.

²Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista - UNESP- Campus de Marília. Professor temporário (categoria O) na rede básica de ensino do Estado de São Paulo (SEDUC-SP). vinicius.p.queiroz@unesp.br

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

1- Introdução: “E quem diria que um dia cê me ouviria falar?”

O presente texto consiste em uma reflexão parcial sobre o uso da autoetnografia como metodologia de pesquisa sobre trajetórias socioafetivas, especialmente, trajetórias de gays e bichas negras/os, tendo como base considerações acerca da monografia do autor onde o tema foi abordado. Em linhas gerais, o texto busca trazer observações sobre a autoetnografia como possibilidade promissora para uma compreensão mais ampla das estruturas e relações de poder fundamentadas por marcadores sociais da diferença, sobretudo, os que correspondem ao que difere/ diverge da “cis-hetero-normatividade” (Vergueiro, 2015). Jota Mombaça em diálogo com Spivak aponta que:

É consenso entre os leitores de Spivak (1988) que, quando a autora responde negativamente à pergunta sobre se pode o subalterno falar, não se trata de uma alusão à capacidade física da fala, tampouco à capacidade intelectual de articular um discurso. A resposta não deve ser tomada num sentido literal. Trata-se, mais bem, de uma alusão à impossibilidade de forjar espaços de enunciação a partir dos quais umx subalternx possa se expressar e ser ouvidx como sujeito [...] (Spivak, 2012. Apud: Mombaça, 2015, p.5)

Nesse sentido, ao tomar narrativas não hegemônicas como constitutivas da realidade social, agenciamentos que burlam, negociam e até rompem com as determinadas estruturas e relações de poder são evidenciados. O que possibilita ampliação na maneira que tornamos inteligíveis narrativas usualmente silenciadas (Miranda, 2022).

Em síntese:

[...] existem quatro razões fundamentais para realizar a autoetnografia, são elas; 1) realizar uma crítica mais contundente, fazer contribuições e/ou estender a pesquisa e a teoria existentes; 2) abraçar a vulnerabilidade como uma maneira de compreender as emoções e a melhorar a vida social; 3) interromper tabus, quebrar silêncios e recuperar vozes perdidas e desconsideradas; e 4) tornar a pesquisa acessível a diversos públicos. (Santos, 2017, p. 231)

E partindo dessa lógica ressalto que optei por utilizar a autoetnografia como abordagem metodológica de minhas pesquisas de maneira afetivamente intencional. Esse trabalho não visa uma apreensão da realidade objetiva e inquestionável, mas sim produzir engajamentos (Gama, 2020) que possam romper o silêncio vivido por diversos grupos marginalizados socialmente (Chagas; 2022; Senna, 2022; Oliveira; Ribeiro; Venancio, 2020) e contribuir ao menos para alguma das razões descritas acima, seja qual for.

Sendo o uso das memórias e experiências privadas do autor/autora pesquisador/pesquisadora um elemento que deve sucessivamente ser relacionado aos contextos sociais mais amplos em que esse sujeito da experiência existe um exercício reflexivo é estabelecido. Em outras palavras:

[...] A autoetnografia é aqui compreendida como uma ferramenta reflexiva que possibilita discutir os múltiplos papéis do pesquisador e de suas proximidades, subjetividades e sensibilidades na medida em que se constitui como fator de interferência nos resultados e no próprio objeto pesquisado. Essa ferramenta também é focalizada e compreendida como possibilidade de relato escrito em primeira pessoa, na qual elementos autobiográficos do pesquisador ajudam a desvelar diferentes contornos e enfrentamentos do objeto de pesquisa em um fluxo narrativo de cuja análise sujeito e objeto fazem parte. (AMARAL, 2009, p. 15)

Portanto, esse exercício reflexivo culmina em dimensionar o que aproxima e distancia o sujeito que pesquisa das pessoas que estão sendo pesquisadas, tensionando “eus” e “outros” de modo a observar a alteridade resultante de nossas ações cotidianas (Raimondi; Moreira; Barros, 2019, p. 3-4). Considerando que “[...] o sujeito da experiência adquire, agora, o estatuto analítico de objeto de observação” (Santos, 2017, p. 215) notamos que as produções autoetnográficas recorrentemente situam os sujeitos que as produzem como sujeito que pesquisa e sujeito pesquisado concomitantemente.

2- “Não quero o controle de todo esse corpo sem juízo” afetividades bixas como possibilidade de agência.

Durante a graduação me dediquei a entender as trajetórias afetivas de gays e bichas negras residentes da cidade de Marília -SP por meio de uma abordagem autoetnográfica. O campo de pesquisa consistiu na análise do curta metragem “*E Agora José?*”³ seguida de uma entrevista em profundidade com o autor do curta-metragem (Queiroz, 2021; 2022) e sua construção indicou a centralidade das trajetórias pessoais na/para compreender e diferenciar a afetividade de gays negros

³José Farnéris multi-artista, drag queen residente de Marília é o idealizador do curta-metragem citado. Por meio de suas experimentações estéticas, José produziu um curta-metragem autobiográfico sobre sua vivência como uma bixa preta mariliense situando seu caminhar pela cidade a uma série de memórias sobre seus amores, relações sexuais, violências mas sobretudo, resistências. *E AGORA JOSÉ?* (Now What, José?). Direção de Breno Xavier. Produção de Breno Xavier. Realização de: José Farnéris. Roteiro: José Farnéris. Marília, SP: Independente, 2020. (21 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EytOswdCkr0>. Acesso em: 09 de ago. 2024.

e bichas negras, destacando que as emoções referidas durante suas auto narrativas são indicativos da estrutura significativa que estão inseridos na medida em que são descritas como os elementos de mediação dos intercursos afetivo-sexuais desses sujeitos (Queiroz, 2021; 2022). A associação da homossexualidade (masculina) e ao sexo biológico e ao papel sexual desempenhado pelo indivíduo é uma característica do imaginário social, especialmente no imaginário social brasileiro como aponta Peter Fry ao destrinchar as estruturas significantes dessa vinculação e revela seu teor cultural retirando a homossexualidade de uma compreensão naturalizada. O autor descreve a categoria bicha da seguinte maneira:

A categoria “bicha” se define em relação à categoria “homem” em termos do comportamento social e sexual. Enquanto o “homem” deveria se comportar de uma maneira “masculina”, a “bicha” tende a reproduzir comportamentos geralmente associados ao papel de gênero (gender role) feminino. No ato sexual, o “homem” penetra, enquanto a “bicha” é penetrada...o ato de penetrar e o de ser penetrado adquirem, nessa área cultural, através dos conceitos de “atividade” e “passividade”, o sentido de dominação e submissão. Assim o “homem” idealmente domina a “bicha”. Além disso, a relação entre “homens” e “bichas” é análoga à que se estabelece entre “homens” e “mulheres” no mesmo contexto social, onde os papéis de gênero masculino e feminino são altamente segregados e hierarquizados. (FRY, 1982, p. 90)

Partindo desse raciocínio, foi na figura do sujeito de classe média, branco, politicamente inspirado pelos movimentos de liberdade sexual norte-americanos, mas alinhado às expectativas de performances de gênero hétero-centradas tá que se organizou a identidade do gay brasileiro (MacRae, 1982; Fry, 1982). Diferente do gay, a bicha não dispunha de possibilidade de agência, sendo mais útil como elemento explicativo da identidade do homem masculino. Contudo, se a “raça” funciona como dispositivo que viabiliza a significação da diferença fenotípica aos signos culturais e sociais, mas que, também generificam essas diferenças, o que, propicia modelos mais ou menos racializados de masculinidade e/ou feminilidade (Pinho, 2008). Tornase perceptível que sujeitos homossexuais e negros que correspondem a essas expectativas de gênero, mas não as outras características descritas acima, poderiam compreendidos como “gays negros”. E no entrelugar que se produzem suas agências o atravessamento de um imaginário social racializado é constante (Côrtes; Souza, 2017; Ferrari, 2021; Lima; Cerqueira, 2012; Moutinho; 2006; Mundell, 2013; Rodrigues, 2020; Veiga, 2018). O resultado desse atravessamento são experiências afetivo-sexuais interpeladas em algum grau, por estereótipos racializados como: hipervirilidade, exacerbado tamanho do órgão genital, natural e constante disposição

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

para ter relações sexuais, entre outros (Da Rocha Viana, 2019; Faustino, 2014; Ferreira; Caminha, 2017; Pinho, 2016; Ribeiro; Faustino, 2017; Ribeiro, 2019). Portanto, as intersecções de raça e gênero resultam em uma forma específica de opressão que é distinta da opressão experimentada por pessoas negras ou homens considerados isoladamente (Akotirene, 2019). E partindo dessa lógica, as intersecções de raça, (homo)sexualidade e performance de gênero também resultam em uma forma específica de opressão e sobretudo, de resistência. Retornando as considerações de Fry sobre a categoria bicha, percebemos que essa afirmação não se demonstrou correta, tendo em vista os diversos engajamentos políticos, intelectuais e estéticos feitos por e pelas bixas, sendo consideradas figuras políticas chaves para as lutas por direitos da população LGBTQIA+ (Silva, 2017; Vidarte, 2019; Zamboni, 2016; 2018). Como resultado dessa existência o termo “bixa” passou por uma reapropriação feita por homens gays efeminados ou que desafiam e subvertem as normas de gênero tradicionais, contrariando representações da masculinidade hegemônica (Carrara; Simões, 2007; Zerafino, 2022). Considerando que o intercruzamento da divergência sexual com as masculinidades racializadas podem incorrer em um aprofundamento de contextos psicossocialmente vulneráveis (Navasconi, 2019) já que a confluência do racismo e da homolesbotransfobia (assim como da bifobia) otimiza seus graus de letalidade concebo que as ações das bixas negras são constructos políticos que denunciam modelos homogeneizantes de subjetividade e “[...] *Deste modo, a presença, a narrativa e a existência de homens negros gays, sobretudo, afeminados, revela um ruído nesse suposto modelo único*”. (Teixeira, 2022, p. 215). Assim como, o devir (ou os trajetos) que a bixa negra experiencia toma um sentido altamente político, tornando-se uma potente tecnica de hackeamento dos dispositivos que legitimam o status quo da branquitude (hétero/cis) normal.

3- Considerações finais ou “ É sobre bixice”

Fundamento as afirmações que fiz com base na revisão bibliográfica sobre “[...] *como e o que a literatura no campo do gênero e sexualidade, no Brasil, pensa e discute sobre a afetividade das bichas pretas?*” (Oliveira, 2023, p. 5). O autor no período de 2013 à 2023, analisou 35 produções acadêmicas (artigos publicados em revistas

científicas, trabalhos apresentados em eventos, teses, dissertações, monografias) selecionando 13 desses trabalhos para compor essa revisão. As plataformas consultadas foram o *Google Acadêmico*, Periódicos CAPES e *Scielo Brasil*, já os descritores utilizados nos mecanismos de busca das plataformas foram: “*Bicha preta*”, “*Afetividade de bichas pretas*”, “*Gay subjetividade*”, “*Amor gays pretos*”, “*Homossexualidade negra*” e “*Preterimento*” (Oliveira, 2023, p.5). Dos 13 trabalhos selecionados pelo autor, quatro pertenciam a área de Educação, três da Psicologia, dois da Antropologia, 1 da Comunicação Social, 1 da Saúde Coletiva e 1 do Serviço Social. Onde o autor destacou que apesar da multiplicidade de áreas do conhecimento, de maneira geral, os trabalhos tensionavam os efeitos do racismo e da aversão as performances de gênero femininas na desumanização de bixas negras (Oliveira, 2023, p. 17). O autor também ressaltou as possibilidades que pesquisas que mobilizam a categoria bixa preta teriam na contribuição e ampliação de conhecimentos para algumas temáticas de pesquisa, como os estudos em masculinidades. Em síntese, o trabalho em questão destaca que as desterritorializações implicadas pelo uso da categoria bixas pretas como categoria de análise redimensionam formas de compreensão acerca das dinâmicas de poder, sendo os processos de agenciamento das corporalidades dissidentes como chave interpretativa mais adequada se comparada com os esquemas de representação identitária estanques. Nas palavras do autor:

Tencionar as emoções e afetos das bichas pretas, nesse sentido, produz a possibilidade de torná-las telúrgicas no campo da produção de sentido, para que, nos debates sobre masculinidades negras, possam reverberar as inquietações que surgem a partir de uma leitura interseccional do sujeito negro e bicha. [...] “as negociações/agenciamentos de bichas negras muitas vezes se alinham a possibilidade de subversão da lógica até então estabelecido e busca forjar devires outros, que tentam romper tanto com a lógica colonial quanto com a lógica heteronormativa” (QUEIROZ, 2022, p. 77). Isto é, deve-se atentar para os modos de subversão que esses sujeitos tentam impregnar na dimensão da afetividade e emoção para hackear o sistema de opressão. Não o único, mas o trabalho de Queiroz é um dos poucos que apontam para essa necessidade de visualizar as outras formas, as fugas do sistema racista de sociabilidade, que se pode existir no seio de uma homosociabilidade de bichas pretas. (Queiroz, 2022. Apud: Oliveira, 2023, p. 13)

portanto, entendo que as trajetórias de gays e bichas negras, assim como as emoções que a compõem não são vividas/sentidas da mesma maneira se comparada a sujeitos que carregam outros marcadores. Embora variados elementos sejam

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

compartilhados de modo similar, como a ideia de amor único como parâmetro para o comprometimento afetivo (Fernandes, 2022; Giddens, 1993; Santos, 2024⁴), as diferenças que constituem essas pessoas são elementos de negociação/regulação constantes na vida social, trazendo ressignificações e desdobramentos outros em suas narrativas emoções e sentimentos.

4- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Polén Livros, 2019

AMARAL, Adriana. Autonetnografia e inserção online: o papel do pesquisador-insider nas práticas comunicacionais das subculturas da web. **Fronteiras: - estudos midiáticos**, S.I, v. 11, p. 14-25, 06 jan. 2009. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/5037/2286>. Acesso em: 10 de agos. 2024.

CARRARA, Sérgio; SIMÕES, Julio Assis. Sexualidade, cultura e política: a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira. **Cadernos pagu**, Campinas, p. 65-99, 2007. DOI <https://doi.org/10.1590/S0104-83332007000100005>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/JHyY6zkPRdW4fp6wk9vtkhn/>. Acesso em 18 abr. 2024.

CHAGAS, Andrey Rodrigues. QUEM CHORA PELAS BICHAS? As marcas queimadas a ferro na pele-corpo de bichas pretas. In: SOUZA, David; SANTOS, Daniel dos; ZACARIAS, Vinícius (org.). **BIXAS PRETAS: dissidências, memórias e afetividades**. Simões Filho. 1. Ed. Simões Filho. Devires, 2022. p. 151-163.

CÔRTEZ, Rita de Cássia Santos; SOUZA, Marcos Lopes de. “[...] É NEGÃO E É VIADO. COMO PODE ISSO? ”: sem direito de viver os desejos fora das normas. In: **SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES**, 5., 2017, [S.I]. Anais [...] . S.I: Editora Realize, 2017. p. 1-12. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/enlacando/2017/TRABALHO_EV_072_MD1_SA23_ID730_15062017233052.pdf. Acesso em: 10 agos. 2024.

DA ROCHA VIANA, Matheus. Decolonizando afetos: A presença do colonialismo na construção de afetos da população negra e a decolonialidade do ser. **Revista Textos Graduados**, [S. l.], v. 5, n. 1, p. 69–84, 2019. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/tg/article/view/22499>. Acesso em: 10 ago. 2024.

⁴ Trabalho no prelo.

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

FAUSTINO, Deivison Mendes. O pênis sem o falo: algumas reflexões sobre homens negros, masculinidades e racismo. In: BLAY, Eva Alterman (coord.). **Feminismos e masculinidades: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. p. 75-104. Disponível em: https://apublica.org/wp-content/uploads/2016/03/Feminismos_e_masculinidades-WEB-travado-otimizado.pdf. Acesso em: 10 agos. 2024.

FERNANDES, Rhuann. **NEGRITUDE E NÃO MONOGAMIA**: as micropolíticas do amor. Rio de Janeiro: Autografia, 2022. 347 p.

FERRARI, Wendell. **Nas tramas da sexualidade**: um estudo sobre trajetórias afetivo-sexuais de homens jovens gays. 2021. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) - Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/54315>. Acesso em: 14 abr. 2023.

FERREIRA, Dina Maria Martins; CAMINHA, Tibério. PIGMENTOCRACIA E A EXPERIÊNCIA DO PRETERIMENTO NA HOMOSSEXUALIDADE NEGRA. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, [S. l.], v. 18, n. 2, p. 156–174, 2017. DOI: 10.26512/les.v18i2.5796. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/5796>. Acesso em: 10 ago. 2024.

FRY, Peter. Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil. In: **Para inglês ver**: identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro, Editora Zahar, p. 87-115. 1982.

GAMA, F. A autoetnografia como método criativo: experimentações com a esclerose múltipla. **Anuário Antropológico**, [S. l.], v. 45, n. 2, p. 188–208, 2020. DOI: 10.4000/aa.5872. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/33792>. Acesso em: 10 de agos. 2024.

LIMA, A.; CERQUEIRA, F. DE A. Identidade homossexual e negra em Alagoínhas. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 1, n. 01, 27 nov. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2262> . Acesso em: 10 de agos. 2024.

MACRAE, E. Os respeitáveis militantes e as bichas loucas. In: EULALIO, A. et al.(Org.). **Caminhos Cruzados**. São Paulo: Brasiliense, 1982. p. 99-111.

MIRANDA, Camila Fontenele de. A autoetnografia como prática contra-hegemônica. **Teoria e Cultura**, [S.L.], v. 17, n. 3, p. 70-78, 23 dez. 2022. Universidade Federal de Juiz de Fora. <http://dx.doi.org/10.34019/2318-101x.2022.v17.38100>. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/TeoriaeCultura/article/view/38100>. Acesso em: 10 ago. 2024.

MOMBAÇA, Jota. *Pode um cu mestiço falar?* [SI]: **Medium**, 2015. Disponível em: < <https://medium.com/@jotamombaca/pode-um-cu-mestico-falar-e915ed9c61ee> >. Acesso em 10 de ago. 2024.

MOUTINHO, L.. Negociando com a adversidade: reflexões sobre "raça", (homos)sexualidade e desigualdade social no Rio de Janeiro. *Revista Estudos Feministas*, v. 14, n. 1, p. 103–116, jan. 2006.

MUNDELL, John Andrew. As masculinidades de homens negros gays em Salvador da Bahia. In: **SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO**, 10., 2013. Anais...Florianópolis, 2013. Disponível em: 126 http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373321880_ARQUIVO_Faz . Acesso em: 10 de ago. 2022.

NAVASCONI, Paulo Vitor Palma. **Vida, adoecimento e suicídio**: racismo na produção do conhecimento sobre jovens negros/as LGBTTI. *Letramento*, 2019.

OLIVEIRA, João Elioberg da Silva. “Ser bicha não é só dar o cu, é também poder resistir”: uma revisão bibliográfica sobre a categoria bicha preta nos estudos de gênero no Brasil. In: **XV REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DO MERCOSUL**. 2023, Niterói. Anais [...] . S.l: Universidade Federal Fluminense- Uff, 2023. p.1-21. Disponível em: <https://www.ram2023.sinteseeventos.com.br/arquivo/downloadpublic?q=YToyOntzOjY6InBhcmFtcyl7czozNToiYToxOntzOjEwOiJJRF9BUiFVSVZPIjtzOjQ6IjY0OTciO30iO3M6MT0iaCI7czozMjoiZTkzMTVjYzEzMDIyZjViMjQ2YzlhM2lyNDE2Y2Q2YzUiO30%3D>. Acesso em: 10 ago. 2024.

OLIVEIRA, Thiago; RIBEIRO, Milton; VENANCIO, Vinícius. O PROBLEMA - Localizando a antropologia brasileira: Contribuições para pensar corpo, lugar e a geopolítica da produção de conhecimento. *Novos Debates*, [S. l.], v. 7, n. 1, 2021. DOI: 10.48006/2358-0097-7108. Disponível em: <https://novosdebates.abant.org.br/revista/index.php/novosdebates/article/view/198>. Acesso em: 10 ago. 2024.

PINHO, Osmundo. Relações raciais e sexualidade. In: PINHO, AO., and SANSONE, L., orgs. **Raça: novas perspectivas antropológicas** [online]. 2nd ed. rev. Salvador: EDUFBA, 2008, pp. 257-283. ISBN 978-85-232-1225-4. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/3tqqd/pdf/pinho-9788523212254-10.pdf>. Acesso em: 10 de ago. 2024.

PINHO, Osmundo. Race Fucker: representações raciais na pornografia gay. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 38, p. 159–195, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8645036>. Acesso em: 10 ago. 2024.

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

QUEIROZ, Vinicius Luis. Questões em "ser de lá": Notas (auto)etnográficas sobre masculinidade, homossexualidade, negritude e afetividade. **Novos Debates**, [S. l.], v. 7, n. 1, 2021. DOI: 10.48006/2358-0097-7111. Disponível em: <https://novosdebates.abant.org.br/revista/index.php/novosdebates/article/view/176>. Acesso em: 10 ago. 2024.

QUEIROZ, Vinicius Luis Pires. **Questões de (des)gosto**: uma (auto)etnografia sobre trajetórias afetivo sexuais de gays e bichas negras. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2022.

RAIMONDI, G. A.; MOREIRA, C.; BARROS, N. F. DE .. O corpo negado pela sua "extrema subjetividade": expressões da colonialidade do saber na ética em pesquisa. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 23, p. e180434, 2019.

RIBEIRO, A. A. M. COMO MATAR LENTAMENTE A SI MESMO E CONTINUAR VIVENDO?. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S. l.], v. 11, n. 30, 2019. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/788>. Acesso em: 10 ago. 2024.

RODRIGUES, Walter Hugo de Souza. Desmitificando a sensualidade naturalizada do ébano:Um estudo acerca da objetificação do corpo do homem negro. **Cad. Gên. Tecnol.**, Curitiba, v. 13, n. 41, p. 267-284, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt>. Acesso em: 8 agos. 2024.

SANTOS, Vinicius Henrique dos. "Não é comigo que você tem que ficar!": uma análise da sociedade brasileira a partir da solidão de bichas negras. In: **SIMPÓSIO INTERNACIONAL PRAXIS ITINERANTES: JUVENTUDES E DIVERSIDADES**, 1., 2024, Londrina. Anais (no prelo). S.l: Uel, 2024. p. 1-18.

SANTOS, Silvio Matheus Alves. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. **Plural**, São Paulo, Brasil, v. 24, n. 1, p. 214–241, 2017. DOI: 10.11606/issn.2176-8099.pcs.2017.113972. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/113972>. Acesso em: 10 ago. 2024.

SENNA, Ariane Moreira de. A solidão da mulher trans, negra e periférica: uma breve reflexão sobre corpos trans que são demarcados pelo gênero, raça e classe. In: SOUZA, David; SANTOS, Daniel dos; ZACARIAS, Vinicius (org.). **BIXAS PRETAS: dissidências, memórias e afetividades**. Simões Filho: Devires, 2022. p. 48-61.

SILVA, Pedro Ivo. **Afrobixas**: narrativas de negros homossexuais sobre seu lugar na sociedade. 2017. 145 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias, Ueg :Coordenação de Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias, Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, 2017. Disponível em: <http://www.btd.ueg.br/handle/tede/945>. Acesso em: 10 de agos. 2024.

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

TEIXEIRA, Thiago. Além de preto, viado: uma análise sobre as masculinidades negras afeminadas. In: SOUZA, David; SANTOS, Daniel dos; ZACARIAS, Vinícius (org.). **Bixas pretas**: dissidências, memórias e afetividades. Simões Filho: Devires, 2022. p. 214-224.

VEIGA, Lucas. As diásporas da bixa preta: sobre ser negro e gay no Brasil. **Tabuleiro de Letras**, v. 12, n. 1, p. 77-88, 2018. DOI: 10.35499/tl.v12i1.5176. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/article/view/5176>. Acesso em: 10 agos. 2024

VERGUEIRO, Viviane Simakawa. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes**: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade. 2015. 243 f. Dissertação (Mestrado) - Mestrado em Cultura e Sociedade, Programa Multidisciplinar de Pós Graduação - UFBA., Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/19685>. Acesso em: 10 ago. 2024.

VIDARTE, Paco. **Ética bixa**: proclamações libertárias para uma militância lgbtq. São Paulo: N-1, 2019. 181 p. Traduzido por Maria Selenir Nunes dos Santos, Pablo Cardellino Soto.

ZAMBONI, Jésio. A BICHA NA EMERGÊNCIA DA HOMOSSEXUALIDADE CULTURAL: peter fry e o que o inglês não viu. **Psicologia & Sociedade**, [S.L.], v. 30, p. 1-10, 3 dez. 2018. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1807-0310/2018v30178463>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/PfpQ3CPN9WwGdd9KwxzSZym/?lang=pt>. Acesso em: 10 de ago. 2024.

ZERAFINO, Hilário Mariano dos Santos. BIXA PRETA: um estudo não recomendado. In: SOUZA, David; SANTOS, Daniel dos; ZACARIAS, Vinícius (org.). **BIXAS PRETAS**: dissidências, memórias e afetividades. Simões Filho: Devires, 2022. p. 186-198.